

O Papa Francisco configura a Igreja para um mundo pós-Occidental

O Papa Francisco veio trazer ao Vaticano uma nova tradição, do Catolicismo da América Latina, com a sua relação complexa com a teologia da libertação e a desconfiança das intenções do mundo ocidental.

Madalena Resende | *Observador* | 28 de julho de 2022

De visita ao Canadá para um ato de contrição pela colaboração da Igreja com as práticas colonialistas do estado canadiano, o Papa Francisco demarca a Igreja da sua associação com a cultura ocidental, com o que ela tem de mau, mas também de bom. De louvar é, claro está, a política clara de Francisco face aos abusos contra os Direitos Humanos – que ele, enquanto Papa, tem conduzido de forma corajosa. Mas no discurso de Francisco ressoam também um tom anticolonialista e uma crítica mais fundamental que aponta para a sua vontade de reorientar a Igreja para um futuro pós-occidental.

Os sinais da reorientação da Igreja Católica para a Ásia, a África e a América Latina não são novos. A pujança do Catolicismo nestes continentes contrasta com o declínio do Catolicismo na Europa e na América do Norte. Afinal, só 24% dos católicos vivem na Europa, contra 39% na América Latina. Na Europa, o número de crentes decresce, enquanto no resto do mundo aumenta. Mas as origens do Catolicismo estão sem dúvida na Europa, e a tradição tem mantido o foco no Velho Continente. O Papa João Paulo II teve um pontificado verdadeiramente universalista, contudo, manteve as suas raízes na Europa e na sua Polónia natal como a âncora central do seu pontificado. O seu sucessor, Bento XVI, defende que a relação simbiótica entre a teologia católica, os Direitos Humanos e a democracia liberal são parte central da identidade europeia. Para Bento XVI, a dissolução da síntese entre catolicismo e europeísmo seria fatal para ambos.

O Papa Francisco veio trazer ao Vaticano toda uma nova tradição, a do Catolicismo da América Latina, com a sua relação complexa com a teologia da libertação, uma aproximação ao marxismo e a desconfiança das intenções do mundo ocidental e, em particular, dos EUA. Reflexo desta mentalidade, são as declarações de Francisco culpando a NATO pela invasão da Rússia. Apesar de condenar a guerra como abominável, Francisco não nomeou a Rússia e Putin como os instigadores do conflito. Francisco sugeriu que talvez “o ladrar da NATO às portas da Rússia” tenha provocado Putin a invadir o seu vizinho. Quando interrogado se era certo enviar armas para que a Ucrânia se possa defender, o Papa disse “não sei”, antes de criticar o comércio global de armas. Esta ambiguidade tem sido condenada por todos os que consideram que a força moral do Papa seria um fator importante para a opinião pública internacional face à guerra.

Por último, Francisco prosseguiu uma estratégia clara de reconfiguração da representação geográfica do colégio de cardeais – o corpo que irá eleger o seu sucessor. Como resultado das novas nomeações, o colégio perde a maioria de bispos eleitos europeus – de 53% para 40%. Os novos cardeais nomeados por Francisco são

maioritariamente da Ásia, América Latina e África, tornando mais provável que a Igreja seja permanentemente reorientada para as questões, sensibilidades e prioridades do mundo não-ocidental. Francisco, o primeiro Papa não-europeu desde o século VIII, preside a uma nova era do Catolicismo.

<https://observador.pt/opiniao/o-papa-francisco-configura-a-igreja-para-um-mundo-pos-ocidental>